AGRO NEGÓCIO

Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro

Sul gaúcho deve concentrar atividades alternativas à soja

Diferenças de produtividade e condições de solo determinam ocupação

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

ELISE AZAMBUJA SOUZA/EMATER/RS-ASCAR/DIVULGAÇÃO/JC



Soja encontra condições favoráveis e alta produtividade na Região Norte

A diversificação das atividades agrícolas no Rio Grande do Sul deve demonstrar as disparidades entre a produção do setor primário em cada porção do Estado. Conforme o sócio-fundador da Brasoja, Antônio Sartori, enquanto os produtores rurais da porção Norte do Estado são beneficiados por condições favoráveis para a produção de soja e, consequentemente, contam com uma maior produtividade, os da metade Sul precisam buscar alternativas para manter a viabilidade econômica das propriedades.

Na avaliação do especialista, a discussão sobre a diversificação do plantio precisa considerar as diferenças regionais de produtividade e os custos de produção. Segundo ele, a alta dos preços da soja, que ultrapassaram R$ 200 por saca em março de 2022, estimulou uma corrida pela cultura, inclusive em áreas com condições pouco adequadas para o cultivo.

Desde então, problemas climáticos recorrentes, entre chuvas excessivas e sucessivas estiagens, agravaram a situação de produtores que já enfrentavam limitações de produtividade.

Na metade Sul, especialmente nas áreas localizadas abaixo da BR-290, em direção ao Uruguai, Sartori aponta que as características do solo não são ideais para a produção de soja. Em condições normais, a produtividade dessas propriedades fica entre 40 e 50 sacas por hectare. Com os episódios de excesso ou falta de chuva dos últimos anos, entretanto, muitos agricultores colheram entre 20 e 30 sacas.

O cenário é ainda mais complicado para quem trabalha em terras arrendadas, pagando entre 10 e 15 sacas por hectare, conforme Sartori. Nesses casos, na sua avaliação, a produção restante não é suficiente para cobrir os custos da atividade. "Se tu, em vez de colher 50, colhe 30, paga mais 10 ou 15 de arrendamento, o prejuízo é absurdo", afirma.

Para o especialista, parte desses produtores enfrenta uma situação de insolvência, com endividamento acumulado e pouca capacidade de recuperação.

Na outra ponta, agricultores do Norte gaúcho, em regiões como Carazinho, Passo Fundo, Sarandi, Panambi e Erechim, têm alcançado produtividades de 60 a 100 sacas por hectare. Considerando o preço de aproximadamente R$ 144 por saca recebido pelo produtor, a receita bruta pode chegar a R$ 14,4 mil por hectare. "Esse pessoal que tem alta produtividade, que está colhendo 60, 70, 80 sacas, ao preço que está a saca da soja hoje, está ganhando dinheiro. Eles não vão mudar de atividade. Vão continuar plantando soja como estão plantando", projeta.

Nesse contexto, o consultor considera necessária uma reconversão das atividades econômicas nas áreas menos adequadas à leguminosa – o que é mais comum no Norte gaúcho. Entre as alternativas estão a pecuária, a fruticultura, o cultivo de oliveiras e a silvicultura, com eucalipto e pinus. No caso das oliveiras, Sartori destaca que o Rio Grande do Sul já produz azeites de qualidade, mas ainda em volume insuficiente para atender ao consumo estadual.

Especialista defende expansão de culturas de inverno

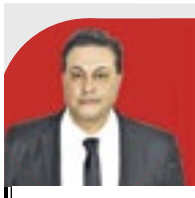
Além da mudança de atividade em áreas de baixa produtividade, Antônio Sartori defende um melhor aproveitamento das terras agrícolas durante o inverno. Atualmente, de acordo com ele, o Rio Grande do Sul destina aproximadamente 8 milhões de hectares às culturas de verão, como soja e milho, enquanto a área ocupada por trigo, canola e outras culturas de inverno fica em torno de 2 milhões de hectares.

Para o consultor, existe espaço para ampliar essa produção, especialmente diante de novas demandas industriais. Ele cita a entrada em operação, prevista para março de 2027, da indústria de etanol de trigo da B8, em Passo Fundo, que deverá ampliar a procura pelo cereal.

O milho também é apontado como uma cultura que precisa ganhar espaço no Estado. Sartori estima que o Rio Grande do Sul consome cerca de 8 milhões de toneladas por ano, mas produziu aproximadamente 6 milhões de toneladas na safra atual. Com isso, precisa buscar o restante em outros Estados para abastecer setores como a produção de rações para suínos e aves.

"Não faz sentido nós plantarmos quase 7 milhões de hectares de soja e menos de 1 milhão de milho", critica.

Como exemplo da diferença de expansão entre os estados, ele compara a produção gaúcha com a de Mato Grosso. Enquanto os mato-grossenses passaram de 17 milhões para 57 milhões de toneladas de milho em uma década, o Rio Grande do Sul permaneceu praticamente estagnado, saindo de 5,6 milhões para cerca de 6 milhões de toneladas no período.



Gerson Anzzulin
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

Franquia Protegida

No último dia 10 de novembro, o ASAS Group realizou em Porto Alegre o lançamento do seguro Franquia Protegida. No primeiro momento, o produto será comercializado no Rio Grande do Sul e, posteriormente, em todo o Brasil. Nesta entrevista, o chairman do ASAS Group, Marcelo Assumpção, fala sobre as características e o ineditismo deste seguro.

(Foto Marcelo Assumpção - Crédito: Gerson Anzzulin)



Marcelo Assumpção: "Este é um produto inovador no mercado de seguros brasileiro"

- Do que trata o Franquia Protegida?
Este é um produto inovador no mercado de seguros brasileiro. É o seguro que vai isentar a franquia do cliente do seguro patrimonial. A iniciativa é atraente para quem tem uma franquia alta nas coberturas de incêndio, vendaval ou alagamento, pois este seguro vai cobrir estas incidências.
- Como funciona na prática este produto?
Uma vez feita a contratação do seguro patrimonial e o sinistro ocorrer, a seguradora principal paga a indenização, descontando a franquia. Nós devolvemos a franquia ao segurado. Se não ocorrer a indenização na seguradora principal, por qualquer que seja o motivo, o Franquia Protegida não funcionará.
- O Rio Grande do Sul teve um lado especial na elaboração deste produto?
Sim. O Estado deu conhecimento e inteligência para montarmos o Franquia Protegida. As pessoas sempre pensam no incêndio, que é a cobertura principal do seguro patrimonial, mas não podemos esquecer das coberturas de vendaval e alagamento. O Rio Grande do Sul conviveu com esses problemas na tragédia climática de 2024. Com o Franquia Protegida, pretendemos reduzir o tamanho do problema para o cliente.

Seguro Auto com indenização integral

A Mapfre lançou no mercado o Mapfre Auto Indenização Integral, que prevê o pagamento da indenização sem cobrança de franquia em caso de perda total por colisão ou incêndio, além de roubo ou furto quando não há recuperação do veículo. O produto é destinado a carros de passeio, táxis, caminhões e motocicletas nacionais com até 25 anos de uso e veículos importados com até 17 anos. O limite máximo de indenização é de R$ 900 mil.

Fenacor pede adiamento da CBS

A Federação Nacional dos Corretores de Seguros encaminhou ao Ministério da Fazenda um manifesto institucional defendendo ajustes na transição da Reforma Tributária do Consumo para o setor de Corretagem de Seguros. A entidade sustenta que a implementação prevista para 2027 poderá gerar distorções que penalizam justamente os agentes econômicos de menor porte, contrariando princípios como justiça tributária, simplicidade e tratamento favorecido às micro e pequenas empresas.
O principal pleito da Federação é que o Governo Federal encaminhe ao Congresso Nacional uma proposta de emenda constitucional para adiar para 1º de janeiro de 2028 o início da cobrança efetiva da Contribuição Social sobre Bens e Serviços. Nesse cenário, 2027 seria mantido como um ano de testes, sem recolhimento obrigatório, desde que os contribuintes cumpram as obrigações acessórias exigidas.

